

EMBAIXADA DO BRASIL EM DAMASCO

RELATÓRIO DE GESTÃO

EMBAIXADOR ACHILLES ZALUAR

Ao deixar, depois de três anos, a Encarregatura de Negócios permanente em Damasco, transmito relato de minha experiência, entre agosto de 2015 e julho de 2018.

SETOR POLÍTICO, DE COOPERAÇÃO E HUMANITÁRIO

(a) Ações realizadas

(a.i) Informação e análise política

2. No trânsito entre meu posto anterior e Damasco, em agosto de 2015, efetuei passagem por Brasília, para consultar as áreas responsáveis da Secretaria de Estado a respeito das orientações que deveria seguir em posto tão peculiar, por causa da situação de guerra e das condições únicas de funcionamento da Embaixada. Foram acordadas, na ocasião, três prioridades: (1) os brasileiros na Síria, ou seja, a segurança da comunidade e seu atendimento consular; (2) os sírios no Brasil, em particular o programa de vistos humanitários do CONARE, importante do ponto de vista humanitário e de grande visibilidade; e (3) a informação adequada, a partir de fontes diretas, sobre a situação na Síria.

3. Ao chegar a Beirute, tive a oportunidade rara de aproveitar curto, porém inestimável, período de convivência com meu predecessor, Embaixador José Estanislau do Amaral. Ele me transmitiu informações valiosas sobre o funcionamento peculiar do posto, mantido aberto em Damasco, mas com todo o pessoal do Quadro residindo em Beirute. O Embaixador Amaral havia, em boa hora, estabelecido a prática de viagens de trabalho regulares a Damasco, que se revelaram indispensáveis para o funcionamento do Posto.

4. Minha primeira constatação foi a necessidade de aumentar a frequência de viagens e o tempo de permanência do pessoal do Quadro na Síria, sem o quê as prioridades 1 e 3 descritas acima inevitavelmente sofreriam. À medida que as condições de segurança permitiam, eu e meus colaboradores começamos a viajar

também pelo interior da Síria, dando prioridades a visitas à comunidade brasileira (cidades de Marmarita, Tartus, Sueida e Homs).

5. Quando aceitei o convite para chefiar o Posto, em meados de 2015, a situação na Síria estava em seu pior momento. Centenas de milícias de diversa natureza, dominadas pelos componentes islamistas mais extremos e violentos, estavam na ofensiva em todas as frentes. A província de Idlib, ao norte, havia caído em poder de uma coalizão, aberta e reconhecida, da Al-Qaeda com os salafistas do Ahrar al-Sham e do Jaishal-Islam e com dezenas de pequenos grupos ditos ''rebeldes moderados'' ou ''Free Syrian Army''. O comércio com a Jordânia havia sido interrompido pela ofensiva da chamada ''Frente Sul'', supostamente formada por ''rebeldes moderados'', em aliança com a Al-Qaeda. No leste e no centro do país, o chamado ''Estado Islâmico'' ou Daesh, depois de controlar quase toda região a leste do Eufrates e o deserto central, acabara de tomar Palmira e ameaçava cortar a estrada entre Damasco e Homs. O Daesh havia surgido no Iraque e penetrado na Síria em 2014.

6. Na parte do país controlada pelo Governo, sérias violações foram agravadas pela guerra. Os grupos armados islamistas, por sua parte, mantinham práticas ainda piores, com clara propensão genocida ou de ''limpeza étnica''. Em qualquer área controlada pelos grupos armados, não permanecia nenhuma minoria étnica ou religiosa, e mesmo uma grande proporção da população majoritária, árabe, muçulmana e sunita, procurava abrigo nas áreas controladas pelo ''regime''. Uma exceção importante: as áreas controladas pelo partido e milícia siro-curdo PYD/YPG, que eventualmente se tornaram o núcleo das ''Syrian Democratic Forces'' (SDF). O PYD/YPG passou quase todo o conflito em aliança tática com as forças governamentais contra os islamistas.

7. No contato com sírios de diversas confissões religiosas ou orientações políticas, constatava-se que, quaisquer que tenham sido as preferências pré-crise a favor ou contra o regime autoritário baathista, ou apolíticos, quase todos temiam a possibilidade de vitória dos ''grupos armados'', e consideravam o exílio como preferível a viver sob seu domínio. Mesmo muitos que militavam contra o ''regime Assad'' antes de 2011, e continuavam críticos, agora torciam pela sua vitória, como única alternativa ao genocídio, ao exílio ou, opção disponível

apenas para os árabes sunitas, a sobrevivência em condições de opressão insuportável, com a imposição pela força de costumes salafistas alheios à tradição levantina. Escutei, em Damasco, de um ex-opositor democrático de origem drusa: ''enquanto durar a guerra, minha posição será de apoio crítico ao regime. Não tenho nada contra as SDF, elas não representam ameaça existencial a mim e a minha comunidade. Mas os outros grupos armados, sim''. Em minhas visitas a líderes religiosos cristãos e muçulmanos, escutei avaliações similares. O Senhor Presidente da República terá recebido as mesmas informações durante as visitas apostólicas dos Patriarcas Siríaco-Ortodoxo e Siríaco-Católico ao Brasil.

8. Ao aumentar a interação com sírios dentro da Síria, foi possível constatar, gradualmente, essa realidade, e informar a esse respeito. Um pequeno, mas crescente número de jornalistas e especialistas internacionais fez as mesmas constatações e chegou às mesmas conclusões: Robert Fisk, Patrick Cockburn, Frédéric Pichon, Regis Le Sommer, Renaud Girard, entre outros. A quase totalidade do corpo diplomático baseado em Damasco, ou visitante regular, também. Os funcionários internacionais residentes do país, em particular das agências e programas especializados das Nações Unidas, expressam a mesma avaliação.

9. Minha permanência no Posto coincidiu, quase exatamente, com a intervenção russa no conflito, iniciada em setembro de 2015, e com uma melhora progressiva da situação geral na Síria. Meu diagnóstico formou-se, em sua essência, cerca de um ano após minha chegada ao posto. Hoje, os sírios que fugiram da guerra começam a voltar. O movimento pró-democracia, que existia em 2011, ou refluíu para o ''apoio crítico'' ao regime, esperando uma eventual abertura política no pós-guerra, ou desacreditou-se pela cumplicidade com a ingerência externa e a violência islamista.

(a.ii) Cooperação

10. No começo do período coberto pelo presente relatório, quase toda a atenção da ''comunidade internacional'' dedicou-se ao apoio aos cerca de sete milhões de sírios, quase um terço da população, que saíram da Síria para fugir da guerra. Tais conferências mobilizavam apoio para Estados como Líbano, Jordânia e Turquia, que sofriam com o influxo massivo de ''deslocados'' sírios (note-se que os países da região tendem a

não ser parte das convenções multilaterais sobre refúgio e a negar, portanto, aos sírios a condição jurídica de refugiados). Isso era necessário, em particular, para os países europeus, que não desejavam receber novo influxo de refugiados sírios, afegãos, paquistaneses e africanos: a onda de deslocamentos do verão de 2015 causa até hoje consequências políticas graves na Europa. Melhor, portanto, do ponto de vista europeu, que as consequências diretas da guerra sejam absorvidas na própria Turquia (3,5 milhões de sírios), Líbano (1,5 milhão) e Jordânia (1 milhão).

11. O foco da cooperação "'em apoio à Síria'", portanto, era dirigido não aos dois terços de sírios que ficaram no país e sofriam com a guerra, mas ao terço que saiu. A parte menor, dirigida aos sírios na Síria, era dirigida, majoritariamente, pelos países ocidentais, ao terço de residentes que sobreviviam em território controlado pelos grupos armados, em vez dos dois terços na área governamental (as proporções são aproximadas e variaram ao longo do conflito: a área governamental acolhe, hoje, mais de 70% dos residentes na Síria). Isso não impede que, de forma discreta, agências e programas das Nações Unidas tenham continuado a desempenhar um papel excelente na Síria, em particular na área governamental, onde vive a maioria da população. relatei, em telegramas sucessivos, contatos com a ESCWA, OMS, UNICEF, CICV e PNUD. Em visita a Homs, por exemplo, pude constatar o progresso da reconstrução do antigo souk daquela cidade pelo PNUD, com financiamento do Japão. O ponto alto de nossa atuação, como se recorda, foi a doação de medicamentos e vacinas efetuada pelo Brasil à OMS-Síria, com transporte até Beirute efetuada pela Marinha, no barco de apoio ao contingente naval da UNIFIL.

(b) Principais dificuldades encontradas

12. No campo da reflexão e análise, a principal dificuldade é a quase total ausência de mídia ocidental, que raramente viaja à Síria. Isso reforça a necessidade de buscar a informação em fontes distintas.

13. No campo da cooperação, a atenção dedicada ao tema dos refugiados sírios evidentemente compete com o tema da ajuda aos sírios dentro da Síria, que sofrem terrivelmente com as sanções e a guerra.

(c) Sugestões para o novo titular

14. Conversar diretamente, se possível todos os dias, com interlocutores sírios dentro da Síria, tanto governamentais quanto cidadãos comuns e opositores não-violentos; com funcionários das agências e programas das Nações Unidas e com o escritório do SRSG Staffan de Mistura em Damasco; com as lideranças religiosas (os três Patriarcas residentes em Damasco, o Mufti da República, os sheikhs drusos e outros); e com o corpo diplomático residente em Damasco (mais de 30 Embaixadas) ou em Beirute (neste último caso, com prioridade para os que se deslocam à Síria). Valorizar o Grupo de Amizade Parlamentar Síria-Brasil, em Damasco, e estimular formação de contraparte em Brasília.

15. Viajar o mais frequentemente possível dentro da Síria. Não pode ir, por exemplo, a Alepo e Latáquia. Possivelmente será possível ir também a Daraa, Deir az-Zor e Qamishli. Promover visitas legais, com visto, de jornalistas brasileiros à Síria: a partir de 2017, isso voltou a ocorrer, depois de cinco anos de interrupção, com as visitas de Yan Boechat (FSP/TV Bandeirantes), Sérgio Gilz e Marcos Uchôa (TV Globo). Desencorajar visitas ilegais de jornalistas, pelas áreas sob controle dos grupos armados, que trazem riscos altos (os islamistas têm a prática frequente de sequestrar e assassinar jornalistas, e as SDF os levam muito próximo da linha de frente com as forças pró-turcas).

16. Manter e desenvolver mais o contato e a cooperação com as agências e programas das Nações Unidas presentes na Síria, em particular OMS, UNICEF e PNUD, e também com UNRWA, OCHA e ESCWA (esta última em Beirute). Procurar promover, caso a Secretaria de Estado assim o entenda, visita exploratória da cooperação técnica brasileira à Síria, liderada pela ABC, para planejar a retomada da cooperação, preferencialmente em parceria com agências das Nações Unidas. Cultivar o Departamento de Segurança das Nações Unidas, fonte inestimável de informações e avaliações para a segurança do Posto e de seu pessoal.

II. SETOR CONSULAR

(a) Ações realizadas

17. De longe, a realização de que mais me orgulho, nesses três anos de gestão, foi o retorno a Damasco do Setor Consular, em julho de 2016, depois de quatro anos abrigado no Setor Consular da Embaixada em Beirute. Foi operação complexa, possível apenas graças ao apoio inestimável da área competente em Brasília e à energia do Secretário Bruno Rizzi, do OC José Roberto Brito e dos funcionários locais. Entre 2012 e 2016, os cerca de 1.300 brasileiros residentes na Síria muito sofreram com a dificuldade de tomar providências indispensáveis, tendo de atravessar "checkpoints" e uma fronteira internacional, por exemplo, para a emissão anual de um atestado de vida que os habilite a continuar recebendo uma aposentadoria brasileira. Quando anunciei, em minha segunda visita a Tartus, a reabertura do setor consular em Damasco, pude observar diversos brasileiros, sobretudo os mais idosos, que choravam de alegria e emoção, ao ver, do ponto de vista deles, que a mãe-pátria não os abandonava.

18. Foram também muito bem recebidas pela comunidade brasileira na Síria, no corrente ano, outras demonstrações da presença do Estado brasileiro neste país tão sofrido: a visita da delegação parlamentar no começo do corrente ano, com apoio da FEARABE; a autorização da SERE, em dezembro passado, para que o pessoal do Quadro voltasse a residir em Damasco, o que se executou em fevereiro do corrente ano; a mudança da Chancelaria para novo prédio, mais amplo e conveniente, com um andar para a Residência do chefe do posto e um setor consular muito mais amplo, confortável e iluminado. Reitero meu agradecimento pessoal ao Ministro de Estado a e ao Senhor Secretário-Geral, que deram as instruções pertinentes para cada uma dessas medidas, e às áreas responsáveis da SERE (unidades da SGEX, SGEB e SGAO e seus titulares), sem cuja orientação e apoio nada teria sido possível. Agradeço, também, as duas missões de avaliação recebidas em 2017, chefiadas pelo Senhor ISEX e pela Ministra Gilda Santos Neves.

19. Nossa presença mais frequente na Síria também permitiu uma atualização do Plano de Contingência para socorrer a comunidade brasileira e preservar o Posto, em caso de nova deterioração

das condições de segurança. Para isso, foi indispensável o apoio do Adido Militar em Beirute que, com autorização do Embaixador no Líbano e do MD, deslocou-se a Damasco e, com seu conhecimento especializado, permitiu a produção de Plano mais detalhado e adequado.

(b) Principais dificuldades

20. O mais importante, para o bom funcionamento do setor consular, é contar com pessoal adequado e em número suficiente. Como os funcionários do Quadro só voltaram a residir em Damasco em fevereiro de 2018, e os dedicados ao setor consular precisavam ocupar quase todo seu tempo à urgência, o contato regular com a comunidade brasileira sofreu. O conselho de cidadãos continuou a sofrer de excessiva informalidade. O consulado itinerante que planejávamos realizar em Tartus teve de ser adiado (a Chancelaria síria desaconselhou que fosse naquele momento, por razão de segurança) e, com a concentração no projeto de mudança da Embaixada e a difícil situação de segurança no início de 2018, não foi remarcado.

(c) Sugestões para o novo titular

21. Toda prioridade para o recrutamento de pessoal, tanto do Quadro, quanto local, em coordenação com a Secretaria de Estado. Estreitamento dos laços com a comunidade brasileira na Síria. Institucionalização do conselho de cidadãos. Realização de consulado itinerante em Tartus e Marmarita, principais pontos de concentração da comunidade brasileira fora da Grande Damasco.

III. SETOR CULTURAL

(a) Ações realizadas

22. O Brasil voltou a ter presença cultural na Síria, com a realização de exposição de artista plástico brasileiro, em 2016 (o OC José Roberto Brito, em prestigiosa galeria damascena, sem custo para o erário); da pintura, com mensagem de paz, do maior mural externo da Síria, pelos artistas plásticos Zéh Palito e Rimon Guimarães, no bairro do Midan, em Damasco, e de show de música brasileira (duo Livia e Fred) na Ópera de Damasco, em 2017. Saliento, também, a alta repercussão de termos voltado a realizar, após oito anos de intervalo, a celebração da data

nacional em Damasco, com a presença de altas autoridades (ministros e parlamentares) e da comunidade siro-brasileira, cobertura da mídia, e promoção da música e da culinária brasileiras e dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio-2016. A demanda por presença cultural estrangeira em Damasco é muito alta, em razão do fechamento de muitas embaixadas europeias que eram muito ativas até 2012. Qualquer iniciativa brasileira é muito bem recebida, aparece na mídia e conta com a cooperação das autoridades locais (cessão de sala na Ópera de Damasco sem custo, por exemplo).

(b) Principais dificuldades

23. O mais difícil é demonstrar aos potenciais participantes que o deslocamento a Damasco é seguro. Ao chegar a Damasco, os que vêm, surpreendem-se com a beleza e tranquilidade da cidade, excetuando-se, claro, momentos como os vividos entre fevereiro e abril de 2018, durante as batalhas da Ghouta-Leste e Yarmuk. Também a falta de pessoal pode dificultar a manutenção de uma pauta ativa.

(c) Sugestões para o novo titular

24. Aproveitar a agenda cultural da Embaixada em Beirute para deslocar os eventos, adicionalmente, a Damasco, com custos adicionais muito reduzidos, como foi feito por ocasião da visita dos artistas plásticos Zéh Palito e Rimon Guimarães e do duo musical Livia e Fred. Aproveitar o festival do cinema brasileiro em Beirute para levar seleção dos mesmos filmes a Damasco, já havendo compromisso verbal do Ministro da Cultura sírio de ceder sala gratuitamente. Promover show de música brasileira ao vivo durante a celebração da data nacional, como foi feito em 2016.

IV. SETORES DE PROMOÇÃO COMERCIAL, ECONÔMICO E DEFESA

(a) Ações realizadas

25. Logo antes da chamada "'Primavera Árabe'", as relações econômico-comerciais entre Brasil e Síria atingiam ápice histórico. Incentivadas por troca de visitas presidenciais e por missão de mais cem empresários, liderada pelo então Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, as relações superaram a tradicional exportação de "'commodities'"

brasileiras (sobretudo açúcar e café) para adentrar setores mais nobres, em particular o fornecimento de máquinas e serviços de engenharia brasileiros para os segmentos de agroindústria, construção civil e energia sírios.

26. Com a guerra e as sanções unilaterais dos EUA e União Europeia, a partir de 2012, a pauta regrediu. O fornecimento de ''commodities'', porém, nunca cessou. Em 2017, passamos a exportar também minério de ferro. Com o começo da recuperação econômica da Síria, no ano passado, empresas brasileiras vieram fazer a manutenção e projetar a ampliação dos projetos em que haviam trabalhado no passado (uma usina de açúcar e uma siderúrgica).

27. Também em 2017, o Brasil voltou a participar da Feira Internacional de Damasco (em sua primeira edição desde 2011) e começou a participar de evento novo, a feira ''Rebuild Syria'', mais voltada à indústria de construção civil, bens de capital e transporte pesado. Diversas empresas brasileiras vieram prospectar oportunidades, em particular nos setores de medicamentos e equipamentos para a construção civil (fios elétricos, por exemplo). Isso foi possível graças ao apoio do Departamento de Promoção Comercial (DPR) e da APEX; à cooperação com a Câmara de Comércio Árabe-Brasileira (CCAB), sobretudo seu secretário-executivo Dr Michel Alaby (que veio três vezes à Síria); à atividade de consultores de negócios, que viajam entre Síria e Brasil para promover a reaproximação entre empresas brasileiras e sírias, com apoio da Embaixada; e ao encorajamento da FEARABE.

(b) Principais dificuldades

28. As duas principais dificuldades são as sanções unilaterais dos EUA e União Europeia, que em muito dificultam os pagamentos entre Síria e Brasil (agora efetuados, em geral, através de países terceiros, com encarecimento e complicações adicionais); e a cobertura midiática distorcida e exagerada, que assusta os empresários. O bombardeio norte-americano em abril de 2018, por exemplo, apesar de limitado, recebeu tamanha ênfase na mídia brasileira que equipe de operários brasileiros que trabalhava na ampliação de siderúrgica síria terminou por ser repatriada.

(c) Sugestões para o novo titular

29. Cooperar prioritariamente com a Câmara de Comércio Árabe-Brasileira; dar toda atenção aos consultores de negócios e à FEARABE, que ajudam a trazer empresas brasileiras; reativar a Câmara de Comércio Siro-Brasileira, quando for possível identificar contrapartes brasileiras adequadas; manter a presença na Feira Internacional de Damasco e na ''Rebuild Syria''; incentivar a participação de empresas brasileiras nos setores de maior valor agregado, em particular de bens de capital, material de transporte, energia, saneamento e construção civil, no contexto da reconstrução da Síria; aproveitar o ''Syria Report'', boletim econômico assinado pela Embaixada, para prospectar oportunidades e enviar regularmente informação econômico-comercial para o DPR e a APEX. A remoção de diplomata para uma das duas vagas atualmente vazias em muito ajudaria a dar mais atenção e prioridade a esse setor.